

O (DES)GOVERNO DO CORPO: EXCESSOS E VIOLÊNCIAS CORPORAIS EM VÍDEOS ERÓTICOS

Matheus Vieira Pinho (Labedisco/UESB/CNPq)¹

Matheus.labedisco@gmail.com

Nilton Milanez (Labedisco/UESB)²

nilton.milanez@gmail.com

RESUMO: Nesta pesquisa objetivamos analisar o discurso emergente em vídeos eróticos de práticas sexuais violentas e problematiza-los sob a luz dos estudos de Michel Foucault. As possibilidades que tentamos ventilar aqui são as de que as práticas e suas bases audiovisuais revelam uma violência “controlada” e que as afirmações em torno do desgoverno e do excesso estão sujeitos a um medo e uma construção moral. Essas hipóteses surgem a partir dos seguintes questionamentos: Como os audiovisuais e as estratégias de gravação e edição revelam um controle em torno da dita violência praticada pelos autores das ações? Quais a(s) moral/moralidades de comportamento que guia(m) a forma pela qual se deve ter sexo e prazer sexual, e de que forma essas ações a confrontam? Assim, discutimos como os vídeos e as ações vão de encontro a esse controle de massa, a suas normas estruturais/morais e seu controle de comportamento.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault, discurso, excessos, desgoverno, praticas violentas

ABSTRACT: In this study we aimed to analyze the emerging discourse on erotic vídeos of violent sexual practices and discusses them in the light of Michel Foucault's studies. The possibilities we try to ventilate here are that the practices and their audiovisual bases reveal a violence "controlled" and that the statements around the misrule and excess are subject to fear and moral construction. These hypotheses emerge from the following questions: How audiovisual and recording and editing strategies reveal a control around the said violence by the authors of the shares? Which(s) moral / morals of behavior that guide(m) the way in which to have sex and sexual pleasure and how these actions to confront? So, we discussed how the vídeos and the actions go against this masscontrol, its structural / moral norms and behavior control.

KEY WORDS: Foucault, discourse, overeating, misrule, violent practices

CONSIDERAÇÕES SOBRE O OBJETO: OS MATERIAIS, O CAMPO DE EMERGENCIA E OS ESTUDOS

¹Estudante de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – V. Da Conquista. Integrante do Labedisco/UESB – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. Email: matheus.vrlp@gmail.com

²Pós-doutorado em Discurso, Corpo e Cinema pela Sorbonne Nouvelle – Paris III. Professor Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e atua nos Programas de Pós-graduação em “Linguística” e “Memória, Linguagem e Sociedade”, na Uesb. É líder de Labedisco/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. www.uesb.br/labedisco. E-mail: nilton.milanez@gmail.com

Neste projeto tomamos os estudos desenvolvidos por Michel Foucault para analisarmos os discursos, o lugar do corpo e da moral em vídeos de práticas excessivas à genitália. São tomadas como base material de análise oito vídeos encontrados em alguns domínios eróticos, pelo sistema de busca: *vampire sex*, *deadly sex*, *bloody sex*, *snuff* e *gore*. A partir dos resultados das buscas, optamos por tratar de duas categorias: práticas masculinas, contendo cinco vídeos; e práticas femininas, contendo três vídeos. Porém, para esse artigo, trataremos apenas do primeiro grupo, tentando problematizar as regularidades discursivas entre três vídeos: *Bloody Squirt*, *Penis Drilling*, e *Hamertje Tik*.

Os vídeos retratam sujeitos de sexo masculino que usam em suas genitálias matérias cortantes objetivando obter prazer com a dor por eles provocada. As práticas são inferidas em si pelo próprio sujeito da ação, seja se cortando com navalhas, se perfurando com seringas, furadeiras e pregos, mostrando dessa maneira uma forma de se controlar, de se constituir e se conduzir enquanto sujeito-moral e sujeito-sexual.

Para uma compreensão inicial, tomamos o corpo como o objeto que permeia a pesquisa. Sendo assim, discutimos de que maneira o corpo emerge enquanto discurso dentro dos materiais audiovisuais que compõem o corpus e a pesquisa no geral. Logo os estudos de Foucault são deslocados para se pensar o corpo enquanto formador discursivo, objeto da moral e do (des)governo.

Os vídeos estudados fazem parte de um espaço de emergência micro-histórico que vai de 2011 a 2014. Pensar nesse recorte é importante, pois foi ali que se deu a efervescência das *selfies*, das redes sociais, do aparecimento e do aparecer do indivíduo que se publica, que se faz mídia. Ou seja, esses vídeos e sua divulgação também estão respondendo, de seu modo, a um movimento social da época.

O sexo, a sexualidade e suas ramificações são temas que pungem a sociedade desde seus primórdios e ao se pensar nas questões morais que as envolvem, podemos concluir que a forma de se guiar enquanto sujeito-sexual diz respeito não apenas ao indivíduo, mas ao grupo no qual o mesmo faz ou necessita fazer parte. A igreja por exemplo, doutrina que a atividade sexual deve ser feita apenas após o casamento e em algumas vertentes, que ela deve ser feita sob essas condições e mesmo assim, apenas com o intuito de procriação, se excluindo o prazer; é condenada, também, a prática entre indivíduos de mesmo sexo, assim como a masturbação. Todas essas restrições interagem diretamente com a moral da população e, principalmente, do sujeito-social,

que nesse caso, pode se objetivar a partir de fundamentos que guiam não apenas ele, como muitos: o grupo do qual o sujeito faz parte. Poderíamos entender essa ideia ou necessidade de pertencimento com o que Foucault define como Modos de Sujeição, pois os sujeitos se submetem a determinados preceitos ou dogmas para que possa ser reconhecido como parte de um grupo ou não.

A MORAL E AS ESTRATÉGIAS AUDIOVISUAIS PARA UMA PRESERVAÇÃO SOCIAL

É sabido que os sujeitos podem ser definidos por sua sexualidade não apenas na individualidade, mas também pelo grupo ao qual querem e/ou fazem parte. Contudo, o indivíduo social ocupa diversos espaços de objetivação e de sujeição. Pode ser o sujeito pai, filho, chefe, empregado, líder religioso, médico e tantos outros, e eles todos exigem certas posições e formas de se portar. Sendo assim, um sujeito passa toda a sua vida agindo de acordo com uma moral de conduta, não apenas tentando se encaixar em determinadas regras, como “também para tentar transformar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta” (FOUCAULT, 1984, pg. 27-28). Porém, os sujeitos podem agir de forma transgressora e resistente a determinadas normas; essas atitudes resultam ou objetivam uma fuga parcial do sistema normativo e sistemático de determinados aparelhos sociais.

Com essas considerações surgem os primeiros questionamentos em torno das práticas materializadas nos audiovisuais: De que maneira as materialidades audiovisuais criam uma relação entre moral, norma, transgressão e lugares de sujeição? E, como os audiovisuais e as estratégias de gravação e edição revelam um controle em torno da dita violência praticada pelos autores das ações?

Fazendo uma breve descrição dos vídeos em termos de estratégias audiovisuais, nos materiais as sequências se iniciam com a ação ainda em preparação, vê-se a área genital e posteriormente as mãos dos homens (figura 1). As mesmas mãos começam a apresentar a câmera os utensílios que eles usarão para os flagelos: furadeiras, pregos, navalhas, agulhas e seringas. Após essa rápida introdução, os homens começam a utilizar os materiais, as perfurações e mutilações começam e vão aumentando de ritmo e força gradativamente. No final do vídeo, as práticas já estão com força e velocidade

mais evidentes e com isso é mostrada a ejaculação, ou alguma outra atitude que afirme/possibilite de se ventilar que houve prazer.



Figura 1: Frame do vídeo *PenisDrilling* (2014)



Figura 2: Frame do vídeo *HarmertjeTik 2* (2011)



Figura 3: Frame do vídeo *BloodySquirt* (2011)

Como se observa nos *frames* durante todo esse processo a câmera permanece fixa, em close sobre a genital e a mão, mas não mostrando o rosto ou partes maiores do corpo em nenhum momento, vê-se apenas a ação. Não há identificação dos sujeitos, do local em que estão ou nenhum outro traço que possa possibilitar algum tipo de construção. O que acontece com os autores das ações nesses vídeos, então, é que eles estão “imprimindo singularidade a um acontecimento pelo fato de excluir tantos outros” (MILANEZ, 2009, pg. 217).

O corpo está sendo assim esquadrihado. No momento em que é recortado pela objetiva, retira-se a marca principal de identidade do sujeito, seu rosto. Sendo assim, nós identificamos o praticante como um sujeito-corporal, mas especificamente pela genitália. Isso, pode ser deslocado para se pensar numa questão: Por que é moralmente importante que a identidade do sujeito seja apagada? Ao não mostrarem seu rosto os homens estão voltando a câmera apenas para a atividade em si. Em termos de norma e moral essas escolhas produzem um “apagamento da marca primeira de identidade do sujeito que foi ao longo do tempo marcado pelo seu rosto” (MILANEZ, 2009, pag. 217). Ou seja, os sujeitos aqui se identificam apenas pelas suas paixões, seu prazer. Sem seu rosto, ou nenhuma outra parte de identificação disponível, o sujeito garante que manterá seus outros lugares de subjetivação preservados.

Na vida cotidiana ocupa-se diversos lugares de sujeito: o que trabalha, o que é pai, filho, que é cristão ou não, o que faz parte de um grupo ou não. Acontece que todos esses outros lugares são permeados por códigos morais algumas vezes com regras estritas, outras não. O fato é que tendo sua identidade revelada, ele poderia estar se

afirmando, ou sendo afirmado, única e exclusivamente pelo seu lugar de sujeito-sexual, sendo assim, se sujeitando a um julgamento moral sob seu sexo. Mais uma vez, Milanez explica ao dizer que:

[...] é o resultado de um esquadramento do corpo que serve ao exame para entender o sujeito diante do qual nos colocamos hoje. Essa “semiologia da marca” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 59) aponta para uma separação do corpo que tende a apagar a identidade dos rostos, desidentificando o sujeito de suas paixões, esquivando-o de seus lugares políticos e sociais, tornando-o um anônimo na multidão, protegendo a privacidade em um mundo no qual a visibilidade é a palavra de ordem. (MILANEZ, 2009, pg. 217)

Logo, deve-se pensar nesse esquadramento não como uma intenção na produção, mas como uma materialidade discursiva que preserva os diversos outros lugares do sujeito social e moral. Pois assim, ele não se sujeita diretamente a julgamentos e pré-conceitos em torno de sua identidade e de suas qualidades morais, que vão além da, apenas, sexual.

Na composição dos vídeos, observa-se as ações que possibilitam uma série de questionamentos em torno da forma de se fazer e ter prazer. Porém, seguindo a linha de pensamento em torno da construção audiovisual chegamos a montagem e a edição desses materiais. Assim como o esquadramento produz determinados efeitos já dito, esses recursos também e a partir deles pode-se perceber em até que ponto há de fato um (des)controle sob as ações e os sujeitos ditos desgovernados(as) e violentos(as).

Em termos visuais, já foi esclarecido as questões de que a câmera fixa e o recorte da objetiva retalham o corpo, porém além da construção discursiva de um esquadramento, essa materialidade visual revela a importância de que apenas as ações sejam gravadas. Quem deve se mover são apenas os autores, pois dessa forma se assegura que nada fugiria de seu governo durante a gravação dos vídeos, além de evidenciar o que deve ser visto sob a prática e quando. No vídeo *Penis Drilling*, por exemplo, o homem inicia com certo distanciamento da objetiva e conforme a furadeira vai ficando mais rápida e o prazer, ventilado, mais evidente ele vai se aproximando da objetiva (figura 4: primeiro e segundo *frames*). Além disso, percebemos que nos momentos em que a penetração é mais profunda o sujeito se aproxima da câmera, transformando o close em um quase plano-detalle (figura 4: terceiro *frame*). Essa aproximação e esse recuo demonstram um determinado governo das atividades

executadas, mais uma vez se contrapondo a determinadas moralidades de comportamento que a apontam como desgovernadas.



Figura 4: frames do vídeo *PenisDrilling* (2014)

Uma outra materialidade que obviamente compõem os materiais e corrobora para uma análise discursiva é o áudio. A forma como esse elemento se organiza nos três vídeos produz um efeito sob as próprias práticas e as formas como elas devem ser recebidas. No segundo vídeo analisado, *Bloody Squirt* (figura 5), o áudio original da gravação é pagado e em seu lugar é introduzido uma canção instrumental. Essa se inicia calma, junto com a ação (figura 5: primeira *frame*) e vai ficando mais alta e dramática, em linhas temporais, quando ela atinge seu ponto mais dramático, o volume de sangue já é grande e por fim acontece a ejaculação (figura 5: terceiro *frame*). Se percebe inicialmente uma suavização para própria prática e posteriormente uma dramatização da forma como ela deve ser constituída. Mais uma vez, essa regularidade funciona como elemento de exemplificação de um controle da



Figura 5: frames do vídeo *Bloody Squirt* (2011) forma como as práticas e os sujeitos-sexuais se constroem.

Observando-se essas materialidades e os efeitos discursivos por elas produzidos cai-se diretamente na questão moral das práticas aqui estudadas. Existe uma conduta moral, que trata de que forma é certo e não é certo se ter sexo. Seja nas igrejas, no grupo família ou social, divergências com relação ao momento e a frequência, o ato sexual em si, é ditado por um grupo de normas. O sexo tem uma doutrina rítmica do como fazer, de com quem fazer, de que ordem seguir e de como se aproveitar. Sendo assim, os

materiais que compõem o corpus destoam dessas normas e se tornam vítimas de um julgamento moral de seus praticantes; mas também se integram ao seu momento histórico a de certo modo responderem a anseios de uma época. As ações são vistas como excessivas, violentas e (des)governadas, porém essa visão, mais uma vez responde a uma moral, pois se observados quesitos de formação tanto das ações quanto dos audiovisuais percebe-se que existe um controle do que se é construído; seja no óbvio, que é o desejo de divulgação como elemento de controle, ou em elementos mais técnicos, como o áudio e a montagem. É observável então a presença de um código moral, que permeia todas as normas sobre a forma de se ter sexo e de se obter prazer.

No uso dos prazeres, embora seja preciso respeitar as leis e costumes do país, não ofender aos deuses e se referir ao que quer a natureza, as regras morais as quais os indivíduos se submetem são muitos distantes daquilo que pode constituir uma sujeição a um código bem definido. Trata-se muito mais de um ajustamento variado e no qual deve-se levar em consideração diferentes elementos: um que é o da necessidade e daquilo que a natureza tornou necessário; o outro, temporal e circunstancial, que é o da oportunidade, e o terceiro que é o do *status* do próprio indivíduo. (FOUCAULT, 1984, pg 52)

CONCLUSÃO:

Por meio das análises feitas, acredita-se ser seguro afirmar as práticas sexuais e as formas de se ter prazer respondem a diversos preceitos e normas de conduta que dizem respeito a um sujeito social. Porém os materiais que compõem o corpus desta análise criam um lugar embate entre essa norma social e a transgressão da mesma. Norma, ao buscarem seu prazer e o fazer ser visto, dentro de um momento em que visibilidade é um dos anseios sociais; e transgressão ao buscarem formar de prazer vão de encontro as normas bi políticas de comportamento.

É importante salientar que este artigo, ao tratar das materialidades audiovisuais construindo efeitos de preservação e de construção moral, aborda apenas de um assunto dos tratados pela pesquisa geral, pois além de se pensar nas questões morais e de (des)governo, também serão abordadas e deslocadas teorias como: práticas e cuidados de si e biopolítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1985) **Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica:** (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade 2; O uso dos Prazeres.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque Rio de Janeiro: Edição Graal – 1984

_____. **Os Anormais: curso no Colledge France (1974-1975).** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes – 2001

_____. **Ditos e Escritos III – Estética: literatura e pintura, musica e cinema.** 2ª ed. Tradução de Inês Autran Dourado Bardosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária – 2009

_____. **O Nascimento da Clínica.** Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária – 1980

MILANEZ, Nilton .**Corpo cheiroso, corpo gostoso:** unidades corporais do sujeito no discurso. Acta Scientiarum. LanguageandCulture (Impresso), v. 31, p. 215-222, 2009.

_____; SANTOS, Jamille da Silva. **Modalidades da transgressão:** discursos na literatura e no cinema. Org. Nilton Milanez e Jamille da Silva Santos. Vitória da Conquista: LABEDISCO - 2013.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais /** Judith Revel ; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos :Claraluz, 2005.

VIDEOGRAFIA:

BloodySquirt (2011). Disponível em: <<http://www.superzooi.com/691/bloody-squirt/>>

HarmertjeTik 2 (2011). Disponível em: <http://www.superzooi.com/266/hamertje-tik-2/>

PenisDrilling (2014). Disponível em: http://www.heavy-r.com/video/173221/Penis_Drilling/